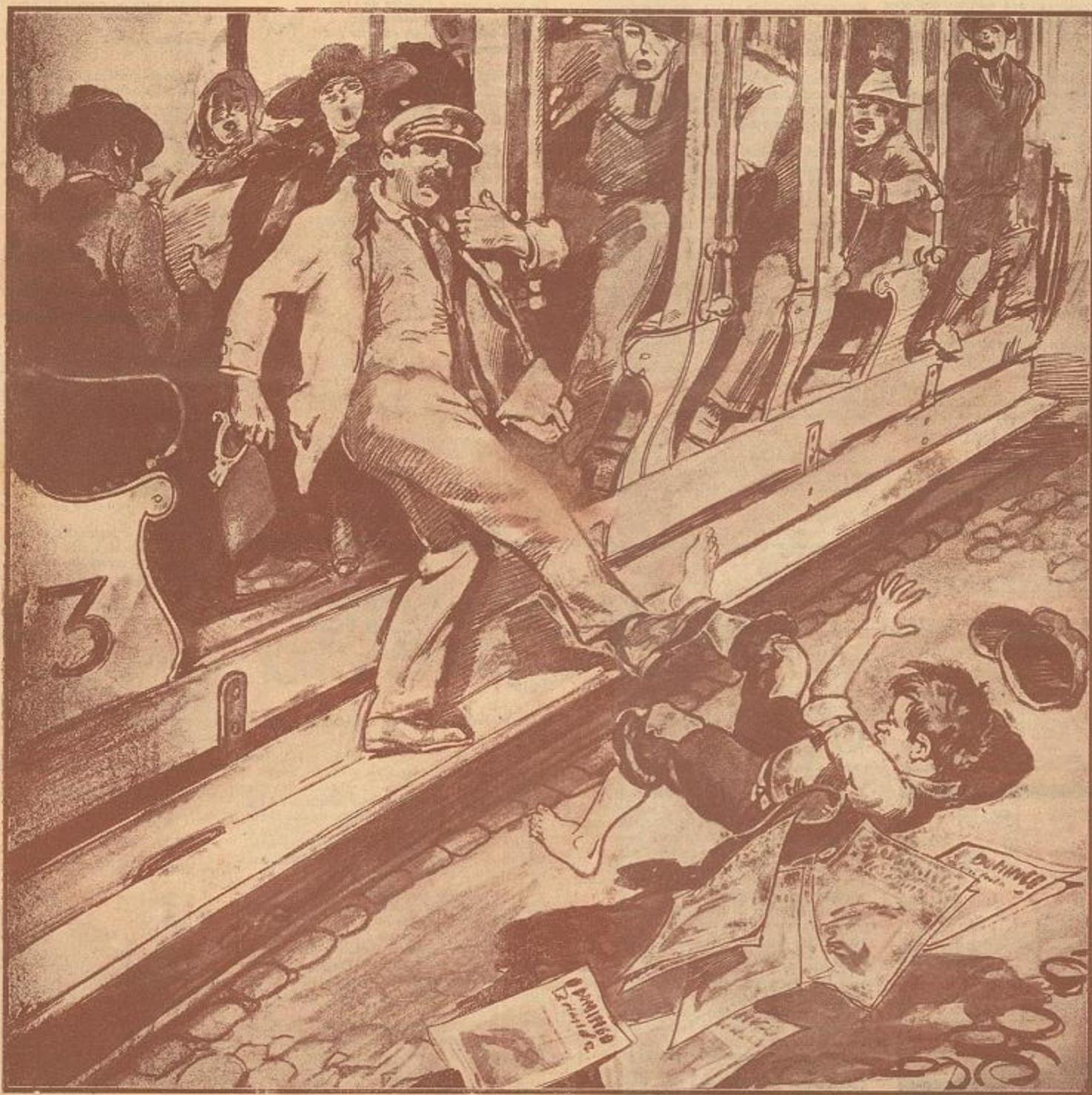
A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II — NUMERO 91 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

# O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES

## A "simpatica" Carris!

Mais do que os conductores dos carros que cumprem ordens, a culpada dos incidentes entre o pessoal dos electricos e os vendedores de jornaes é a direcção da Companhia, que mais uma vez prejudica o publico do qual vive. *O Domingo*, e como todo o povo, está de alma e oração com os pequenos dos jornais.

O DOMINGO ilustrado

ANO II N.º 91

LISBOA 10 DE OUTUBRO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

*ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA*

## ECOS

### Os novos selos

Uma comissão acaba de aprovar para novos selos do correio os projectos dos distintos artistas srs. Pedro Guedes e Alberto Sousa, dando dois premios áquele e um a este. O sr. Pedro Guedes já ganhára o concurso dos selos para a Assistencia, com um modelo mais feliz do que os de agora. Devemos confessar que nenhum dos modelos premiados nos parece bem, sem menospreso dos meritos dos seus autores. Um selo deve ser sintetico e impressivo. O selo antigo, de Constantino Fernandes, era, apesar da sua flagrante parecença com o estilo do selo francez, mais interessante e mais elegante que os novos modelos. Uma estampilha do correio que vai a todo o mundo não pode ser um «boneco» de caixa de bolachas. Tem que representar uma sintese. As «maquettes» premiadas agora estão «démodées». Veja-se o admiravel selo alemão, tão decorativo, o selo russo, tão moderno, o selo inglez, tão classico. Se se imprimirem modelos como o 2.º premio de agora ninguem acreditará que Portugal esteja na Europa e saiba a data em que vive. O 1.º premio é melhor, mas não tem estilo nem originalidade. O 3.º é o melhor dos tres, mas tambem não é inteiramente feliz. O melhor, como muitas vezes sucede, ainda é o que estava...

### A questão das multas

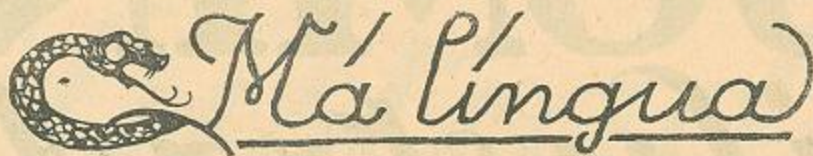
Produziu a maior sensação no meio automobilistico e no publico em geral a nossa pagina sobre os multas do transito.

Imediatamente, como já esperavamos, fomos ouvidos pela policia administrativa, com respeito ás acusações que em geral se fazem aos fiscais do transito e ás suas relações com as companhias dos «taxis»

Amavelmente introduzidos no gabinete do snr. Adjunto daquela policia, verificámos o livro de registos das transgressões, no qual realmente há «taxis multados».

Foi-nos explicado que as multas impostas aos «taxis» se o são em numero ainda pequeno é devido a estes terem «espias» á saida do governo civil para indicarem o caminho dos agentes e os postos de observação que vão tomar, e não pela mensalidade de mesmos agentes.

Folgamos que assim seja de facto — pois o desprestigio da policia administrativa não nos aproveita, nem a ninguem que cumpra os seus deveres de cidadão.

## Má lingua

## AS NOSSAS ESTAMPILHAS

*Dantes, quando um folsario «de respeito»*
*se enriquecia com qualquer proeza*
*o Estado só ficava satisfeito*
*em lhe deitando a mão, ali á teza.*

*Mas os tempos são outros, muito outros,*
*tão outros que até pasmo de os olhar*
*de tal maneira o escoucinhar dos potros*
*Se apossou deste ambiente cavallar...*

*Hoje, quando um bandido—ou simplesmente*
*«um cotado infractor de leis escritas»*
*subtrahe... ou rouba escandalosamente,*
*o Estado é que ergue aos céus as mãos contrictas!*

*Falsificam-se sellos? que delicia*
*para philatellistas amadores!...*
*—Em vez de os pôr a contas c'a policia,*
*tóca a fugir dos falsificadores.*

*E a fugir, pela porta dum concurso*
*que nos custa o melhor de um dinheirão*
*—e onde o meu estro faz figura de urso*
*porque não bate palmas com a mão...*

*Sim! Um concurso! Como se os falsarios*
*ao contemplar as estampilhas novas*
*não achassem os meios ordinarios*
*de lhes tirar as necessarias provas!...*

*Numa,—o 1.º premio—ha uma senhora*
*que desconhece a moda que mais se usa;*
*bastante patriota; talvez loura,*
*denomina-se creio, Patria Lusa;*

*—abre nas mãos o livro de Camões*
*mas com fastio tal que nem o esconde;*
*pois os seus bellos olhos maganões*
*estão de esguelha, a olhar não sei p'ra onde.*

*Noutra, [o 2.º premio] em plena rua,*
*com écharpe e vestido de ha 6 annos,*
*a mesma dama agarra uma charrua*
*exportando ao trabalho os vis humanos;*

*De costas para a Fabrica do Gaz*
*[muito poeticamente idealizado]*
*a quem vão os adeuses que ella faz*
*co'o raminho da Paz na mão fechada?*

*Quanto ao 3.º premio, é uma cabeça*
*que abaixo do pescoço não tem nada.*
*A Patria Portugueza? Mas que pressa*
*é essa de a mostrar decapitada?*

*Não é feio o perfil; a cabelleira*
*lembra uma cascatinha cor de mel.*
*Faria inveja á moça mais faceira,*
*e faz-te inveja a ti Victor Manuel!*

*O que ella tem a mais, no ornamento*
*pouco proprio das nossas raparigas,*
*é uma corôa—dubio pensamento!—*
*de graúdas e autenticas espigas...*

* *

*Eu não quero com este arrasoado*
*magoar alguns artistas de valor*
*que executando o que lhes foi marcado*
*estão dentro das normas em vigor;*

*O que eu quero é que o Estado, de outra vez*
*que alguem falsificar, veja-se o pilha;*
*—e em paga da tolice que ora fez,*
*recêba,—e caladinho!—esta «estampilha»...*

Parada de Gonta — TAÇO

## ECOS

### Domingo Ilustrado

Brevemente o *Domingo Ilustrado* passará por grandes transformações. Não são aquelas transformações que os jornais anunciam quando vão parar. São, pelo contrario daquelas que marcam as «étapes» duma empresa florescente, que com o favor do publico, o qual premeia sempre os que honestamente trabalham — progride-o aspecto grafico do nosso jornal, que é pobre, tem-nos sempre preocupado.

Estamos em vesperas de resolver o assunto e não sabemos ocultar a nova, tão feliz para nós como para os nossos leitores. E, até ver...

### «Aljubarrota»

O notavel jornalista, impressivo e brilhante, que é o sr. Norberto de Araujo, secundou, na sua curiosa e elegante pagina de 5ª. feira, no «Diario de Lisboa», a ideia da «reprise» da peça de Rui Chianca «Aljubarrota». Oxalá algum emprezario torne realidade essa sugestão, tão desinteressada e expontenea quanto oportuna.

### Leitão de Barros

Deve partir na proxima 3ª. feira para França e Alemanha o nosso presado director, sr. José Leitão de Barros.

Acompanha-o o sr. dr. José Martins Barata

## NO RESTAURANT DA GARE

—Tres mil reis uma sandwich tão pequena?
—Que quer o senhor, o comboio demora aqui tão pouco tempo!...

## questão prévia

O sr. ministro da Instrução reformou o ensino secundario e, como pessoa que não tem sapateiros-correligionarios por quem distribuir lugares de catedraticos, preocupou-se principalmente em tornar mais leve e mais proficuo o curso dos liceus—essa costa de Africa a que as familias condenam os rebentos masculinos e para onde estão tambem já degredando, com uma frequencia que começa a assustar, as meninas escrofulosas, que antigamente era de uso condenar simplesmente á pena correccional de tres anos de rudimentos, no velho edificio dos Caetanos.

O sr. ministro da Instrução é, como eu, do tempo em que o liceu preparava igualmente os seus frequentadores para os cursos mais variados, tanto ensinando ao futuro e mistico frequentador da faculdade de Teologia como ao calculador e não menos futuro candidato á engenharia civil. Todos, quer nos atraisse o direito, quer a medicina, o exercito ou as pontes e calçadas, tinhamos de estudar durante sete anos o latim e o portuguez durante sete anos a matematica, gastando o mesmo tempo com a historia, a geografia, as sciencias naturais. Lembro me, como se fosse hoje, que ao tempo os dias tinham, como actualmente, vinte e quatro horas, o que me força a pasmar da audacia de certos mocinhos liceanistas que escrevem cartas aos jornais a declarar que lhes não chega o tempo para satisfazer ás já reduzidas disciplinas dum já reduzido e bifurcado curso do liceu.

Certamente para se lembrar do pesado frete que eram os preparatorios desse tempo e olhando aos frutos que a experiencia de varias reformas tem produzido, o sr. ministro de Instrução amputou um ano ao curso dos liceus, mas ficou-se-lhe mesmo a ver a vontade de acabar com ele como curso intermediario, reduzindo-o ás verdadeiras proporções dum curso preparatorio de instrução superior.

O mal principal de que enferma o curso dos liceus é o de ser a unica porta aberta aos que lograram fazer as suas provas de primeiras letras. Familia a quem saia a sorte dum menino aprovado em instrução primaria logo lhe dá destino: «Vai para o liceu!» Para quê?—pode perguntar-se-lhe. «Ora essa!»—haverão de responder.—«Vai para o liceu, como os filhos de toda a gente».

E assim é. Sem preparação que oriente sobre a especialisação das suas vocações, quasi sem saber lêr e não sabendo, quasi sempre, escrever, o crianço vai para o liceu para dar gosto á familia, que nele vê um objecto de luxo, especie de cãosinho felpudo que faz *de gentil* deante das visitas, sempre amavelmente dispostas a achar-lhe muita garça. Em regra estes fenomenos esbarram no terceiro ano e depois de aí marcarem passo ingressam nas funções publicas, ou arranjam um emprego num banco onde se limitam a discutir *foot-ball.*

Um estagio obrigatorio de cultura intermedia, desta cultura que ajuda a moldar o caracter, descongestionaria o liceu, que então podia afoitamente reformar-se num sentido de preparação especialisada dos varios cursos. Este estagio pretendeu-se consegui-lo com a instrução primaria superior, mas como o objectivo da reforma que criou esse monstrosinho foi empregar amigos e conhecidos, a função das Escolas falhou e os liceus continuam abarrotados.

Emquanto a instrução primaria, em dois graus bem definidos, não fôr obrigatoriamente praticada e o curso dos liceus constituir uma prenda de familia ao desafio nas exibições de prosperidade e «inducação», todas as reformas como a actual serão bemvindas, mas nenhuma conseguirá evitar que continue a haver engenheiros com a paixão inedita das linguas mortas, medicos cuja queda são as matematicas e advogados que só por vergonha não são professores de desenho.

## ESPIRITO EXTRANGEIRO

—Dizer-me cá, em Portugal a situação politica mudou?
—Não, está a mesma. A côr é que variou. No interior estava um Claro a agora está um Castanho...

# Crónica alegre

## Para creanças até 12 anos

PUBLICANDO ESTA PAGINA INFANTIL, SENTIMO-NOS, PELA PRIMEIRA VEZ, *«DOMINGUINHO ILUSTRADINHO»*

ESTAVAMOS em Pedrouços e a noite era de luar.

Eu, se quizesse fazer vista, mudava isto para Biarritz, pondo em vez do Paulo Pataco o Paulo Sou, que é, pouco mais ou menos e ao par, a mesma coisa. Mas não quero fazer vista e volto ao caso.

Estavamos em Pedrouços e a noite era de luar e de Agosto, se me é permitido afirma-lo. De longe vinha-nos o som harmonioso das arcadas dos dezoito violoncelos da orquestra do Pedrouços-Palace, som que se casava, o mais civilmente possivel, com o rolar das ondas expressamente mandadas fazer para animar esta praia.

Só e merencorio, sentado num banquinho de tesoura, tão proprio para a meditação, olhando a lua, eu pensava no belo negocio que seria fundar uma empreza para fornecer luar aos domicilios, vendendo-o a metros cubicos ou á quilowats, como as Companhias Reunidas. De subito, uma tremenda algazarra veiu arrancar-me á meditação em que profundamente me embrenhara e, olhando em volta, vi que estava cercado por um bando de crianças, qual delas a mais malcriada e gritadora, dando a impressão de que se tinha arrombado um colegio para ambos os sexos.

Emquanto umas me puxavam pelo casaco, outras arrancavam-me o chapeu da cabeça e outras ainda pisavam-me os calos com a maior semcerimonia, berrando todas, ao mesmo tempo:

— Senhor Xisto, conte uma historia á gente!...

Eu, com criancinhas, sigo o preceito de Jesus, com um pequeno aditamento: «Deixai vir a mim os pequeninos... que eu cá lhes darei o arroz». Fiel a este principio sublime, distribui meigamente alguns cachações pela turba indisciplinada, mas vendo ao rés da onda um grupo de mamãs, que contemplavam enlevadas a má-criação das respectivas crias, acedi ao pedido do *soviet* infantil e anunciei:

— Então lá vai a historia da Carochinha...

— Essa é uma grande «chatice»! — exclamou lépidamente a Adelininha, menina de sete anos, das mais prendadas e de mais primorosa educação de quantas se banham em Pedrouços-Plage, insecto que pelas exageradas dimensões da cabeça é conhecido entre o vulgo da praia pelo «Girino cabeçudo».

— Então — propuz eu — lá vai a do macaco...

—Ui!—gritou, com um grande pulo, a Raquelzinha assustadiça. — Assustei-me só de pensar no macaco...

Cada cabeça, cada sentença. De to-

dos os lados se me pedia uma historia. Até que o Lélé, um granjolão que já usava pêlos nas pernas, me propoz muito educadamente:

— O' «sô» Xisto! Conte aquela historia da menina que estava a «bater sorna» numa floresta.

Com o conhecimento, que felizmente tenho, do calão familiar, facil me foi identificar a historia pedida com a de

### A BELA ADORMECIDA NO BOSQUE

— Era uma vez uma menina... — comecei, perante a atenção geral — era uma vez uma menina, filha do presidente da Republica dum reino lá muito longe...

—«E' escova!—interrompeu delicamente o Lélé. — A menina era mas era princeza...

— Pois seria, mas os meus principios democraticos não me permitem o uso e porte de pessoas reais. Como eu ia dizendo: era uma vez uma menina, filha dum presidente da Republica, muito gorda e bonita...

— Quem! A Republica? — perguntou o «Girino cabeçudo».

— Não, a menina. As Republicas nunca são gordas, que é para caberem nos sêlos e nas moedas.

«Continuando: pois o pai da menina, quando ela chegou á idade de se baptisar, chamou duas fadas, que não tinham trabalho e disse-lhes: «As senhoras Fadas vão-me fazer um grande favor: é serem madrinhas da pequena. Levam-m'a ao registo civil e não teem nada a despender, porque eu pago os emolumentos respectivos».

«As fadas, muito risonhas, retorquiram: «O sr. presidente sempre tem umas coisas!... Deixe lá, que nós, ainda que andemos sem trabalho, sempre havemos de dar um presente á menina. Vamos fada-la». «Pois então — volveu o presidente — fadem-na, mas não se enfadem muito com ela, que não vale a pena».

«Assim foi. Uma das fadas fadou a menina, que recebeu o nome de Josefa, para que fosse sempre bonita e não tivesse nunca que recorrer ao *rouge* labial, e a outra para que fosse sempre inteligente e amiga das boas leituras.

«Assim fadada e já crescida, costumava ir a menina todos os dias lêr o seu bocado para o Campo Grande lá da terra dela. Ora um dia aconteceu que a menina, muito distraidamente, levou para o bosque, em vez do Almanaque de Lembranças, que andava a ler, um volume encadernado contendo o ultimo semestre do «Diario do Governo» do seu país.

«Como, para cumprir o seu fadario, não podia deixar de ler, a pobre menina atirou-se á leitura das leis e despachos, mas á terceira portaria caiu em sono tão profundo, que nem o fundo se lhe via.

«Dando pela falta da filha, o presidente mobilisou todos os esquadrões da guarda republicana e a policia de investigação, a qual, ao fim de muito procurar e diepois de ter prendido meio mundo, acabou por encontrar a menina a dormir no bosque.

«Chamados os sabios mais sabidos do país, nenhum conseguiu acorda-la. Até que um joven medico, lembrando-se de que a menina estaria intoxicada pela leitura do «Diario de Governo», se resolveu a administrar-lhe um contra-veneno energico e mandando vir uma colecção do «Domingo Ilustrado» chegou-a ao nariz da dorminhôca.

«Imediatamente e com um belo sorriso a menina Josefa espreguiçou-se, bocejou, abriu os olhos e perguntou, como é de estilo:

— Onde estou eu?

— No Campo Grande—exclamou o joven medico—e, antes que alguem arme alguma intriga, permita-me que lhe diga que fui eu quem lhe salvou a vida.

— Lá isso é verdade—confirmou o presidente.—E, em paga, até estou resolvido a condecora-lo com a grã-cruz da Ordem dos Factores, que, como se sabe, é arbitraria.

— Pois eu—acrescentou a menina Josefa—em paga dou-lhe a minha mão, que é o que tenho aqui mais á mão.

«O medico e a menina casaram e seriam muito felizes se não fôra um contratempo. E' que o joven medico, alem de especialista de doenças de nariz e ouvidos, era do norte do país e trocava os v v pelos b b e vice-versa. Isto foi o bastante para que os invejosos da sua felicidade começassem a chamar-lhe, á esposa, a Josefa d'Oubidos».

Quando a historia acabou, os meninos de ambos os sexos dormiam a sono prêso.

XISTO JUNIOR

---

EM

## "As novelas da minha vida"

que o DOMINGO publica, cada escritor conta um caso veridico da sua vida.

---

NO TRIBUNAL

—São as más companhias que fazem de você um bandido!...

—Não ha duvida. Os senhores sabem que eu tenho aqui passado a maior parte da minha vida!...

---

PROJECTOS

—Mamã, quando eu me casar, não te convido para o meu casamento.

—Porquê, meu amôr?

—Porque não me convidaste para o teu.

# Curiosidades

### O PRIMEIRO ORGÃO

O primeiro orgão foi oferecido por Constantino Coprónimo ao rei Pepino, cêrca do ano 760. Instalado na igreja de Saint-Corneille, de Coompiègne, o instrumento encantou de tal maneira os fieis que, segundo a tradição, uma mulher morreu de prazer, ouvindo-o pela primeira vez.

### O HOMEM MAIS VELHO DO MUNDO

O homem que, segundo se julga, mantem o *récord* da longevidade, habita em Constantinopla, é Kurdo, e chama-se Loro Agha. A sua certidão de idade diz que nasceu no principio de dezembro de 1774. Está a fazer, portanto, os seus cento e cincoenta e dois anos. Se Loro Agha tivesse vivido em França teria conhecido quatro reis, dois imperadores e três republicas. Se fosse português, teria nascido súbdito de D. José I, teria conhecido onze reis e sete presidentes da Republica. Teria assistido a um numero de revoluções dificil de precisar...

### COMO NASCEU O QUEIJO ROQUEFORT

A preparação dêste queijo tem uma origem curiosa. Um pastor ocultou numa caverna, destinando-os á refeição da manhã seguinte, um pedaço de pão e uma fatia de queijo, que trazia para almoçar. Mas só ao fim de algumas semanas poude voltar á caverna. O queijo não estava ressequido, mas cheio de pequenos veios azuis e verdes, e tinha um gôsto particular e agradavel. Deu-o a provar a várias pessoas e todas concordaram em que a permanência na caverna húmida fôra favoravel ao queijo. Hoje, há grandes adegas especiais, para que o queijo envelheça e tome o seu sabor peculiar.

### UNIFORMES DO PRINCIPE DE GALES

O principe de Gales tem direito a usar 70 uniformes militares diferentes. Mas, além dêstes, tem ainda algumas duzias de trajos especiais para diversos cargos honorificos que lhe competem, como os de grande Intendente da Escóssia, Lord das Ilhas, Presidente da Sociedade das Artes e cavaleiro de dezenas de ordens.

### ANIMAIS ABSTÉMIOS

Um papagaio do jardim zoológico de Londres viveu cincoenta e dois anos sem beber. Segundo os naturalistas afirmam, há animais que nunca bebem. Acontece isso, por exemplo, com as lamas da Patagónia, certos antílopes do Extremo Oriente, muitos reptis (serpentes, lagartos, etc.) e uma especie de ratos que vivem nas planicies áridas da America ocidental. Os coelhos tambem só absorvem, como liquido, o orvalho das ervas que comem. Em França, no Gévaudan (Lazère) ha rebanhos de vacas e de carneiros que só raramente bebem, o que não os impede de fornecer o leite de que se faz o famoso queijo Roquefort.

# ANIMAIS LENDARIOS

A Historia sagrada e as vidas de santos teem, quasi sempre, por iluminuras cheias de poesia e de graça, a lembrança de certos animais que entenderam, mais depressa do que os homens, a beleza das grandes verdades morais. Os animais que ilustram as excelsas vidas piedosas são como que as flores da sua especie, os que estão para os seres da sua familia como os santos para a imensa familia humana. Para acreditar na existência real dêsses animais lendários, para acreditar na sua personalidade moral, basta apenas acreditar em milagres ... Tanto custa a admitir que Santo António ressuscitou um morto para salvar da fôrca um inocente, como a acreditar que existiu uma certa mula, na cidade de Rinimi, que, perante uma hostia sagrada, apresentada pelo mesmo santo, ajoelhou, com o unico fim de converter á religião cristã o seu incrédulo dono.

Recordemos a lembrança suave de alguns dêsses animais que emprestaram á tarefa dos apóstolos o desinteressado auxilio da sua existência e o exemplo da sua conversão.

S. Francisco de Assis, seguindo por uma estrada da Umbria, parou diante dum bando de pássaros que procuravam o seu sustento e começou a prégar-lhes, convidando-os a meditar sôbre as graças que Deus lhes concedera: as azas, as penas, os rios, as fontes, as montanhas e os vales... Quando acabou —diz a lenda—as aves partiram em todas as direcções, para irem cantar a gloria de Deus. O mesmo santo encontrava-se na pequena cidade italiana de Gubbio, quando soube que um lobo devastava os arredores e era o terror da população, pelos maleficios que praticava. Imediatamente o santo resolveu ir ao encontro do lobo, que, ao vê-lo fazer o sinal da cruz, se prostrou, humilde, a seus pés. S. Francisco, em vez de o castigar pelos seus crimes, chamou-lhe irmão e trouxe-o até á praça de Gubbio, onde, entre o santo, o lobo e a municipalidade, foi concertado um tratado de paz, que durou dois anos, os dois anos que restaram ao lobo para viver e que êle passou tranquilamente, entre a população, que o alimentava e acarinhava. Este episódio inspirou ao grande poeta Ruben Dario um dos seus mais afamados poemas.

Santo Antonio de Lisboa, montado num burrinho, prégava na praça de Rinimi, como costumavam fazer os apóstolos dêsses tempos. Mas a multidão, distraida, não lhe prestava ouvidos, as senhoras visinhas afiavam as linguas, os homens falavam de negocios e os jovens de amor. Santo Antonio, descoroçoado, foi seguindo á beira do rio, até á sua embocadura, onde começou a prégar aos peixes, que afluiram em massa, grandes e pequenos, sacudindo-se e piscando os olhitos sob a doce unção das palavras do santo... Envergonhado da sua leviandade, o povo de Rinimi, ao saber do prodigio, lançou-se aos pés do taumaturgo.

Em Senlis, um bispo, que foi São Rieul, estava a prégar, no meio dum incomodo grasnar de rãs; mandou-as calar, sendo prontamente obedecido...

Junto a êstes animais piedosos, surgem, na Lenda, os animais bondosos.

No meio do deserto do Egipto, o ermita São Paulo tinha fome, sentindo fugir-lhe as fôrças, mal alimentadas por algumas raizes e frutos de palmeira. Os seus semelhantes não curavam de prover á sua subsistência. Mas, um dia, apareceu-lhe um corvo, com metade dum pão na bôca. São Paulo aceitou a oferta que se repetiu, quotidianamente, durante sessenta anos.

Um dia, veiu visita-lo Santo Antonio e—maravilha das maravilhas!—nêsse dia, o côrvo apareceu com um pão inteiro!

São Bento tambem teve por inseparavel amigo um corvo, que comia com êle á mesa, no refeitorio do seu convento.

Na propria vida de Christo aparece a mansa silhueta do burrinho que, no estábulo onde nasceu Jesus, bafejou suavemente o salvador do mundo; tambem foi numa burrinha que a Sagrada Familia fugiu para o Egipto, e foi sôbre um burro que Jesus obteve o seu último triunfo terreno, entrando em Jerusalem, entre aclamações da multidão e ramos de oliveira.

A' hora da sua morte, na sua gruta do deserto, o ermita São Paulo—o mesmo a quem um corvo trazia o alimento quotidiano, viu chegar junto de si dois leões que, ajoelhando, abriram a cova onde o seu corpo foi repousar, e que depois cobriram de terra, retirando se em seguida para o deserto, abençoados por Santo Antonio.

São Pacómio queria passar o Nilo, para levar socorros a um doente, mas não tinha barco que o transportasse. Logo dois crocodilos oferecem o seu dorso ao santo e levam-no até á outra margem.

São Roque, depois de ter curado, no norte da Italia, inumeros pestíferos, sentiu-se muito mal e, cheio de dores, soltava lancinantes gritos; os habitantes da cidade de Plaisance, ciosos da sua tranquilidade, expulsaram-no.

O santo foi para a floresta, perto da qual vivia um grande senhor, chamado Gotardo, que tinha uma enorme matilha de cães de caça. Gotardo notou que, todos os dias, um dos cães roubava um pão e desaparecia. Intrigado, seguiu-o e, após longas correrias, qual foi o seu espanto ao vê-lo penetrar num buraco... Seguindo no rasto do cão, Gotardo foi ter a um abrigo natural onde encontrou um homem cheio de feridas. O cão vinha todos os dias visitar São Roque, trazer-lhe o pão e lamber-lhe as feridas, resgatando assim a ingratidão dos homens. Gotardo levou o santo para o seu castelo, onde o tratou piedosamente, vindo tambem a ser santificado.

E' bem conhecido o veado de Santo Huberto, o veado que apareceu ao patrono dos caçadores, com uma cruz luminosa, entre as hastes.

Assim como há animais protectores de santos, há santos protectores de animais. Há Santo Antonio que, em seguida a curar uma rainha da Espanha, cura um porquinho pequeno, cego e aleijado. Há o leão curado por São Jeronimo e que ficou ao serviço do seu mosteiro e ia guardar o burrinho dos monges, quando êle ia pastar; o leão que se deixou morrer sôbre o tumulo do santo.

São Martinho obrigou certos vorazes peixes pescadores a arrependerem-se de dar caça aos seus indefezos e fracos semelhantes; é por isso que êsses peixes pescadores se chamam em francês «*martin pêcheurs*».

Mas não teria fim esta lista de nobres animais da Lenda e do Milagre, dêstes animais em que, para beneficio dos homens, Deus pôs uma alma melhor do que a de muitos homens...

### CARRUAGENS-DANCINGS

Nas fabricas de Essex está sendo agora concluida a construção de carruagens de caminho de ferro dum luxo inegualável, colossal, podendo conter uma centena de pares dansantes. E' claro que se trata de encomenda duma companhia americana, comenta «*Le Journal*». Já se pode ir para Charleston, dansando o *charleston*».

### PRETO QUE DESTINGE

Ha negros que embranquecem, sem ser á força de banhos... Foi o caso de Tom Cleveland, um negro da Georgia, que, aos quinze anos, começou a embranquecer e que, tendo hoje sessenta e cinco anos, só conserva na orelha e no olho direito duas manchas da sua côr primitiva. Está completamente branco, mais branco do que muitos que o são. Goza excelente saude e pesa 75 quilos. Os sábios não conseguem explicar o fenómeno. E' o primeiro caso dum negro que se torna branco, mas conhecem-se varios casos de transformação de côr parcial.

### UMA ESTATISTICA «QUASI» INUTIL

Um estatistico paciente calculou o número de letras que seria preciso empregar para escrever a série natural dos numeros até um bilião. Para escrever todos os números, desde a unidade até um bilião, seriam precisas 45 biliões 32 milhões 998 mil e 6 letras. Supondo que se imprimiam êsses números, ter-se-hia uma biblioteca de mais de cem mil volumes de grande formato. O mais curioso é que êsses números formam um total de 13.235.000.002 silabas. Supondo que se podiam pronunciar duzentas e cincoenta silabas por minuto, seria necessario mais de um século, perto de cento e um anos, para enumerar até um bilião. Haverá algum maduro que queira experimentar o vigor da estatistica, na parte em que é verificavel?

O DOMINGO Ilustrado

CARTAS DE UM COMEDIANTE

## O TEATRO NO BRASIL

Os dois artigos que Henrique Roldão, belo espirito, belo camarada e melhor amigo, escreveu sobre o Brasil, lado a lado na mesma pagina em que eu me honro de colaborar, reflectem opiniões de quem viu o Brasil um tanto precipitadamente. Não duvido da sinceridade do meu caro Roldão porque ele é um sincero. Duvido é que tenho tido tempo para uma analyse segura.

Respeito, porem, os seus pontos de vista.

E Roldão está no seu direito quando diz que que não há Teatro Brasileiro. E' uma impressão muito sua. Entretanto, eu, como actor brasileiro, pois prezo-me de haver sido no Brasil que me fiz artista, posso ter – como tenho — convicções opostas.

Dois tópicos dos artigos de Roldão amigo não podem passar sem um reparo, porque envolvem uma grave injustiça, embora involuntaria: Henrique Roldão viu o Brasil a correr...

Os dois tópicos que podem ser ainda mais desvirtuados porquem os tenha lido, são estes:

1.º — Que os brasileiros não frequentam teatros.

2.º—Que os portuguezes são ridicularisados nas revistas.

* *

Não é só a Colonia portugueza que frequenta Teatro no Rio de Janeiro. Vão ao Teatro, portuguezes e brasileiros indiferentemente, seja a que companhias fôrem, sem uns ou outros se darem ao trabalho de inquirir das respectivas nacionalidades. E' que grande parte das familias do Rio de Janeiro, quasi a totalidade dos membros da Colonia, é composta de portuguezes e brasileiros.

Diz o Roldão que os portuguezes são ridicularisados nas revistas.

Efectivamente, os portuguezes aparecem em quasi todas as revistas do Rio, como nas de São Paulo aparecem os italianos, nas de Santa Catarina, os alemães e nas de Curityba, os russos.

Porquê? Porque os portuguezes no Rio estão integrados na vida do Paiz como sucede aos italianos em S. Paulo.

No dia em que os brasileiros, aqui egualassem em numero a colonia portugueza do Brasil evidentemente entrariam na revista porugueza sem que isso constituisse desprimôr algum.

Os portuguezes não são os únicos typos obrigados das revistas brasileiras.

Aparecem com mais frequencia, os caipiras, os tabaréos e o typo do Policia, o do Bombeiro, etc., etc.

Ninguem vai vêr na troça de uma revista, o intuito de insultar ou ridicularisar seja o honrado e forte trabalhador do sertão, seja o portuguez que egualmente contribui para a prosperidade do paiz, seja o policia ou o bombeiro...

— Todo o brasileiro conhece e respeita, por exemplo, essa organisação formidavel que se chama Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro. Pelo facto de aparecer um bombeiro em scena, não se segue que haja o proposito de se ridicularisar a corporação.

Não são as pessoas, as entidades que se troçam nas revistas do Brasil, a não ser determinada individualidade politica... São os costumes. Tal qual como aqui, como em toda a parte.

(E é preciso frisar: Não é o portuguez que entra nas revistas. São varias personagens, ou antes, varias classes que na vida do Paiz são constituidas principalmente por portuguezes. E' muito diferente...)

Nas revistas londrinas o escossez é sempre apresentado com uma garrafa de *wisky*. Os londrinos, de resto, troçam valentemente os escossezes sem se esquecerem de que a Escocia é a patria de Walter Scott, de Burns e de que é na Escocia que se encontra uma das suas maiores riquezas: O carvão de pedra. Os americanos, por sua vez, troçam dos inglezes. Os argentinos dos espanhoes e vice versa. E a troça d'estes povos, uns com outros, não se parece com a pilheria inofensiva das revistas do Brasil.

Não viu Roldão entrarem *mulatos perniciosos* n'essas mesmas revistas?! Calcule o que seria se passasse pela cabeça de algum mulato que havia, da parte do auctor, o proposito de ridicularisar os mulatos!...

Finalmente, não se admire Roldão de que actores portuguezes se prestem a fazer em scena, papeis de portuguezes:

Se n'uma companhia portugueza houver um artista brasileiro e haja um numero de maxixe n'uma revista, por exemplo, não é logico que se encarregue esse artista d'esse papel?...

E fique-se com esta: N'uma companhia brasileira [trabalhei em muitas] tanta consideração merecem os brasileiros natos como os portuguezes domiciliados.

No teatro do Brasil não existem separações nem rivalidades. Portuguezes e brasileiros são considerados artistas do Brasil. Como na vida real em que os dois povos, falando a mesma lingua e unidos por laços de familia, são gente do Brasil com eguaes direitos e regalias.

CARLOS ABREU

# Os beneficios no Brazil

### A "ISCA,, DAS EMPREZAS-OS PROMETIMENTOS-A LUCTA DOS EGOISMOS

QUANDO uma Empreza leva uma companhia ao Brazil é certo que o caso dos beneficios é a grande arma uzada para fazer baixar os ordenados pedidos pelos contratados.

— Ora! Fazes um beneficio e com facilidade ganhas cinco ou seis contos!

E o actor, enganado pelo que dizem os colegas que já lá foram, aceita o prognostico como bom, vê-se já cheio de dinheiro e vae, por macuta e meia, esperançado no lucro enorme do beneficio.

E realmente, logo aos primeiros espectaculos da companhia os admiradores pululam em torno do camarim:

— Você, para a sua festa, conte comigo! Passo-lhe umas duzentas cadeiras!

— Você, para a sua festa, conte com trinta camarotes!

— Olha que para a fua festa quero trezentos balcões!

E o coitado faz contas, vê-se rico, olha o cambio e pouco falta para comprar uma mala especial para trazer o dinheiro.

Num dia, quando as peças estão exaustas, a companhia vista e revista por toda a colonia, anuncia-se o primeiro beneficio.

No dia seguinte, todos os amigos e admiradores desapareceram!

O primeiro beneficio, que geralmente é garantido pela Empreza, resulta cheio. Todos comentam os dez contos ganhos pela felizarda, mas... no dia seguinte aparece a tabela com a nota dos beneficios. São duas semanas compactas! A' segunda, fulano, á terça, cicrano, á quarta, beltrano. O sabado e o Domingo, que são dias melhores, vão para a Empreza. E então os beneficiados recebem os bilhetes para a passagem dois dias antes da vespera. Vêem que os *cativos* foram aumentados para os beneficios, que a *casa* custa cinco contos, que os amigos que prometiam *passar* desapareceram e que todas as portas se fecham nessa altura: A altura negra dos companhias portuguezas no Brazil.

E' a altura da caça ao conhecido.

Manhãs inteiras para passar uma cadeira, o publico que nem passa pela porta do teatro, as casas dos colegas vazias, a procura do *tin* para levar gente, etc. Surgem conflitos todos os dias, a todas as horas ha questões: Aquele freguez era meu!—Foste passar um bilhete áquele que já me tinha falado!—Tenho um homem que me fica com cinco cadeiras, mas não posso dizer quem é, senão, vão lá roubar-mo!—Uma triste feira de miserias, de egoismo e de tristezas!

As ideias para chamar gente são as mais absurdas! Fulano conseguiu um combate de box, Cicrano põe uma toirada em scena, Beltrano faz a disputa de uma Taça, mas o publico não vem, afastou-se logo após a primeira festa!

E o mau-humor é contagioso, todos andam de má vontade, todos se olham como inimigos.

E são sempre assim os beneficios no Rio?

Sempre! Os que teem as casas cheias são os dois primeiros artistas que teem no contrato fazer festa com peça nova, e por isso o publico acode. Os outros...

E ainda assim, leitor, ha primeiros artistas, alguns daqueles a que tu tens ouvido chamar *Mestres*, que no beneficio vão de porta em porta, numa procissão de miseria, a passar o camarote ao dono do estabelecimento e a geral ao moço do armazem, apresentando retratos da familia como um mendigo que apresenta mazelas, rastejando, implorando, escondendo os aneis para inspirarem mais pena!

E' assim, leitor os que te disserem o contrario são os culpados de tudo isto, porque veem para ai mentir ilustrando a vaidade com falsas informações e fazendo cair os outros, os que vão lá pela primeira vez, na mesma triste situação.

Rio de Janeiro Agosto 1926.

HENRIQUE ROLDÃO

UM LINDO GESTO

## Leopoldo Froes

Leopoldo Froes, glorioso actor que o Brazil acarinha como um idolo, passou em Lisboa, de viagem para Paris.

Apesar de estar algumas horas na capital, Leopoldo Froes teve tempo para um lindo gesto.

Mal poz pé em terra portugueza comprou as belas flores que encontrou e correu ao cantinho tranquilo do cemiterio do Alto de S. João, onde repousa o pequeno caixão desse grande actor que foi José Ricardo. Foi uma cerimonia simples essa dum actor que veiu do fim do mundo com um pensamento de gratidão e de ternura por outro actor, que lhe guiou os primeiros passos da scena— deixar-lhe as flores de uma saudade sincera.

O primeiro gesto de Leopoldo Froes —em Portugal, foi pois, de rara nobreza e elegancia.

## HENRIQUE ROLDÃO

O nosso querido colega de trabalho Henrique Roldão encontra-se de cama, e embora o seu estado não seja grave, foi-lhe recomendado o maximo repouso.

## ANDRÉ BRUN

Retoma no proximo numero as suas funções de cronista deste jornal o eminente escriptor e nosso querido amigo André Brun, que regressa, felizmente melhor dos seus achaques, do estrangeiro.



**Nacional** — Fechado temporariamente.

**Eden** — O «Cabaz de Morangos»; grande sucesso.

**Coliseu** — Grande companhia de circo.

**Variedades** — A revista de grande sucesso «Saricoté».

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

# Uma novela da minha vida

## As minhas onze prisões

POR

FELIX CORREIA

NUNCA te assustes, minha querida amiga, quando te disserem esta verdade curiosa: que eu tenho 25 anos e 11 prisões, tal qual como alguns incorrigiveis profissionais do crime.

Se não me conhecesses, ficarias aterrada ante esta revelação; e fugirias, cheia de pavor, se lêsses as rubricas dessas prisões, nos registos policiais.

A primeira foi simplesmente por desordeiro: por «agressão a um oficial», facto em que te peço para não veres qualquer manifestação de espírito antimilitarista. Adoro quasi tanto os militares como as sopeiras da minha rua. E não gosto nada de mangar com a

*Fui debaixo de escolta*

tropa. Mas—teve que ser—e a brincadeira rendeu-me uma fiança e um julgamento.

Seguiu-se um estagio de um mês, a ferros do sr. Antonio Maria Baptista, por «manifestos sediciosos».

Depois, vieram algumas prisões por politica, que oscilaram entre um e três meses, e, intercaladas, surgiram estas terrificas legendas a ilustrar o meu longo cadastro:

«Por incitamento á rebelião»;

«Entregue ao Tribunal de Defeza Social, como detentor de bombas de dinamite»;

«Por agressão a um guarda-nocturno»;

E, finalmente, vem uma prisão «por agredir um policia» quando ele tentava capturar um cão acusado de hidrofobia...

* * *

Logares de vilegiatura que conheço por experiencia propria, e que recomendo aos turistas:

Todos os calabouços e quartos particulares do Governo Civil; o Limoeiro; a esquadra do Caminho Novo; a das Monicas; os calabouços e o picadeiro do Quartel do Carmo; e as casamatas da Tôrre de São Julião da Barra.

E julgas tu, minha querida amiga, que eu me queixo disso? Enganas-te. Tenho até achado imensa graça: primeiro, porque aprendi mais nos meses de cadeia que tive do que nos anos de liceu que desperdicei; e em segundo lugar, porque eu tenho, realmente, feito um bocado para justificar esta predilecção da Justiça por mim.

A titulo de simples curiosidade—e eu não contaria estas coisas, minha querida amiga, se não me exigissem uma novela autobiografica,—vou dar-te uma lista das principais alterações da ordem publica em que eu tomei parte—como revolucionario, como jornalista—ou por simples *aficion*:

5 de Dezembro; Monsanto; Defeza da policia contra os que a atacaram a tiro após a derrota dos monarquicos; Revolta da Aviação Militar; 18 de Abril; 19 de Julho; Revolta de Almada; 28 de Maio (na Amadora); o golpe de Estado de Sacavem; e a resistencia do capitão Franco.

* * *

Da primeira vez que fui preso conservo recordações interessantes:

Como, após a derrota monarquica, se tivessem evadido os presos do forte de Monsanto, o governo mandou prender todos os cadastrados. E, no calabouço onde eu estive, fui encontrar a

*... Por incitamento á rebelião*

«fina flôr» das varias especies do crime: salteadores, membros da *Mão Fatal*, assassinos, carteiristas, gravateiros, vigaristas, etc.

Alguns nomes—só para se fazer uma ideia:

«Sargento Béra», «Mula», «Filho do Ganga», «Malinha do Chiado», «Manecas», «Petiz das gravatas» «Mota Vigarista», «Padeiro», «Pinoca», «Pintasilgo», etc.

Não estás ainda com os cabelos em

*Nos calabouços do Governo Civil*

pé, minha querida amiga? Nem tens que estar, porque eles, no fundo, não são maus rapazes. E atraz das grades do calabouço portam-se como *gentlemen*. De tal maneira que, ao fim de cinco minutos, confraternisavamos todos e eu podia deixar a carteira com dinheiro em cima da tarimba—que ninguem lhe tocava...

* * *

Quando eu fui preso e julgado por causa do policia e do cão, toda a gente se indignou com o sr. Ferreira do Amaral, por ele não me deixar passar do *porão* do Governo Civil para os quartos. Menos eu. Foi mesmo das raras vezes em que achei graça ao sr. Ferreira do Amaral...

* * *

Uma nota triste:

Quando foi do incendio do Limoeiro, eu devia estar lá. Mas a falta de cumprimento da lei salvou-me desse «aperto». (Já estava havia 25 dias, sem culpa formada, no Governo Civil). E, como houve receio de que lançassem fogo ás outras prisões, fomos conduzidos ao picadeiro do quartel do Carmo, onde comemos e dormimos 48 horas sobre a areia, com rigorosa incomunicabilidade,—até para a roupa e para a comida...

Uma madrugada — eram 3 horas — alguns *camions* conduziram-nos a S. Julião da Barra. Eramos mais de setenta: sindicalistas, revolucionarios, sidonistas, bombistas, monarquicos e anarquistas.

Quando o sol raiou, iamos na altura de Santo Amaro de Oeiras,

A entrada na velha fortaleza foi tragica.

Todos aqueles homens, habituados ás piores inclemencias, estavam abalados. Só dois dos presos, desprezando tudo, riam e cantavam:

Um era Diogo Homenio Junior, fundador das Juventudes Sindicalistas,—um rapaz de menos de vinte anos, que foi morrer á Guiné por ter consentido que um curandeiro negro lhe enchesse de «terra santa» o peito rasgado por uma arvore que tombara.

O outro era este seu admirador

FELIX CORREIA

---

*NO PROXIMO NUMERO*

## "REDACTORES PRECISAM-SE"

NOVELA DA MINHA VIDA

POR

*MARIO SALGUEIRO*

## Grande almoço desportivo

POR

*AUGUSTO CUNHA*

PESCADORES

*—Parece que o sitio é admiravel para os barbos.*
*—Tambem me parece. Venho aqui ha oito dias e ainda não consegui convencer nenhum a sair da agua...*

UMA NOVELA COREOGRAFICA COMPLETA . . .

# CHARLESTONO-MANIA

***Pagina de palpitante actualidade, em que de bom humor se analisam os efeitos e se comentam os precalços funestos a que pode levar a moderna furia dançante.***

O charleston, como, afinal, toda esta vida, é uma dança, que, como todas as danças modernas, tem sido maculada pelas mais diversas interpretações. Desde os que a dançam com certa elegancia, — com a elegancia e a linha necessaria em todas as danças,—até aos que de cada um dos seus passos fazem um intermedio comico ou um perigo para os parceiros, que variedade enorme.

Ha os que o dançam disfarçado em fox-trot, muito naturalmente, como quem não quer a coisa; é, por assim dizer, o charleston de trazer por casa, o charleston dos pacatos. Esses são os inofensivos.

Ha, porem, os que o dançam todo em rasteiras, estendendo as pernas, ora para um, ora para outro lado. Esses são já perigosos, porque quando a gente menos se precata, ao passar-lhes a vista, teem as costas no chão; e mais perigosos se andamos fazendo algum frete dançante, entregues ao transporte dificil duma senhora de meia edade e de peso inteiro.

Nestes casos tal precalço é quasi sempre fatal e a vitima, se tem a infelicidade de cair por baixo do volumoso par que transporta, é sempre retirada sem vida e sem figura humana. Antes com a infima espessura do linguado frito ou com o aspecto de ter andado a fazer horas, debaixo dum destes cilindros de calcetar as ruas.

Desses é bom fugir e não lhes passar perto do raio de operações, que é quasi sempre um raio que nos pode partir, pelo menos, uma perna.

Ha ainda outra especie não menos perigosa.

São os que dançam aos saltos, correndo numa loucura, numa furia vertiginosa, deixando o par que transportam a deitar todos os bofes disponiveis pela boca fóra. Esses ficam com o aspecto exotico de terem ido tomar banho em trajo de baile. Apetece mesmo, ao ve los regressar á sua mesa, pôr-lhes a toalha pelos ombros.

Esses ainda teem outra fase perigosa. De onde em onde, moderam a carreira e começam a distribuir pontapés e caneladas para todas as direcções. Nesta altura esta dança atinge as proporções de dança da luta.

E' claro que na 1.ª fase temos de pôr todos os calos no seguro e na 2.ª adaptar sobre as canelas as respectivas peças de qualquer armadura.—Com certos pares é mesmo da melhor prudencia dançar dentro duma armadura completa.

Mas, na impossibilidade de tomar qualquer destas providencias, o mais seguro é simular qualquer incomodo repentino, uma dôr de dentes ou um ataque de bexigas doidas, e convencer a parceira que nos acompanha na perigosa aventura a retirar prudentemente.

Ha ainda outra variedade menos perigosa para os que assistem, mas perigosissima para os que a praticam, pelas terriveis confusões a que pode dar logar.

São os que dançam o charleston e o shimmy, parando de quando em quando para sacudir as calças, numa furia nervosa, que lhes faz estremecer os membros inferiores e limpar indecentemente os pés no meio da sala. Dão-nos a impressão de que uma doença exquisita os atacou repentinamente ou que uma legião de percevejos os acometeu

*—Esses são os inofensivos*

e os vai minando dos pés até á cabeça.

O menor perigo dessa forma de dançar é o de verem toda a gente rir-lhes nas bochechas, supondo que eles fazem não um passo de charleston mas uma curiosa imitação dos passos do Charlot.

Mas o caso pode ter bem mais graves consequencias, como por exemplo esta que passo a expôr.

Um desses numerosos servos da moda que cegamente lhe obedecem em todas as suas extravagancias, mesmo quando a moda está a chuchar com eles, — desses que levam o seu servilismo *snob* a adoptar as suas mais caricatas invenções, numa palavra, um desses modernos leões das salas, aliás, mansos como cordeiros, ultima palavra de alfaiataria, muito abundantes em calças e escassos em casacos, regressára de varias termas, perfeitamente doutorado em todos os mais excentricos exotismos coreograficos.

E foi cair por acaso no seio, salvo seja, duma pacata e abastada familia pouco privada em modernices, cujos membros dançantes iam ainda atrazadamente no reles e prosaico one-step.

Já a exagerada indumentaria do cavalheiro produzira uns certos reparos, a ponto do chefe da familia, perante a vastidão das suas calças, ter achado intimamente pouco correcto o facto do rapaz vir a sua casa com o fato do Pae.

Mas, começou a dança, e perante a exibição de todos os modernos passos charslestonescos—que com mais propriedade se poderiam classificar de charlotescos — em que o rapaz quiz caprichar para *epater* toda a familia, o efeito foi colossal.

A principio a impressão geral foi de que o rapaz lhe carregára nos liquidos; mas pouco depois, quando ao cabo de varias rasteiras e consequentes estenderetes de varios pares incautos, um dos convidados saiu em braços com uma perna partida, o caso passou a ser classificado de loucura perigosa e foi a poder de grandes esforços que o filho mais novo da casa, o introdutor do prodigio coreografico — convenceu o pai a não ir buscar um colete de forças, argumentando que tudo aquilo era muito chic.

A coisa passou. Mas pouco depois quasi todas as senhoras arrastadas pelo prodigioso mancebo suavam em bica, e as faces de todas as meninas dançantes, com os cremes, os carmins e

*Um dos numerosos servos da moda*

os pós de arrôs a derreterem-se em perfeita conjugação de esforços, apresentavam um aspecto lamentavel. Varios cavalheiros pelos cantos, agarrados ás canelas, gemiam doloridamente, e uma senhora de peso, vitima duma rasteira, reclamava um guindaste para retomar a sua posição normal.

Foi então que o habil dançarino resolveu fazer o seu passo de sensação, e no meio da sala começou a estremecer todo, a abanar as pernas desabaladamente, emquanto a pequena a que se agarrara para dançar, muito comprometida, o olhava, aflita e ruborisada, sem saber o que pensar das suas intenções.

Todos se precipitaram num clamor, supondo-o vitima dum acidente, dum choque electrico, duma vertigem.

Uma senhora de edade, persignando-se, bradava:

—E' talvez um tremor de terra.

E respondiam-lhe:

—Não, é apenas um tremor de pernas.

E no auge do entusiasmo coreografico, vendo-se alvo de todas as atenções e em pleno sucesso, o rapaz tremia cada vez mais, a ponto de ficar quasi de cocoras.

Então foi um terror; gritava-se:

—«Mas o que tem ele»?—«O que foi»?—«Vão chamar o medico».—«E,

*A impressão é de que carregara nos liquidos...*

melhor segura-lo».—«E' um perigo». E por entre o circulo que se formara em volta, uma senhora de edade perguntava, intrigada:—Mas o que está ele a fazer?

E a custo, não conseguindo fazer-se ouvir por entre as vozes aflitas e os acordes do jazz, o filho mais novo dos donos da casa procurava tranquilisa-los, explicando, gritando:

—E' um shimmy, é um shimmy.

Mas a explicação por entre o ruido chegou viciada, deturpada, aos ouvidos dos assistentes, e então o dono da casa, avançando até junto do menino prodigio, puxou-o para fora da sala e declarou de mau humor:

—Parece impossivel que o senhor queira fazer isso aqui, no meio da sala. O senhor bebeu de mais, é natural que tenha essa necessidade; mas podia ter dito logo!!

—Perdão, dizia o outro, isto é um shi...

—Chi, já sei...

E empurrando-o de mau modo:

—Olhe, é ali, ao fundo do corredor, ultima porta á direita..

AUGUSTO CUNHA

# MOINHO DE PACIENCIA

| N.º 11<br>2.ª SERIE | SECÇÃO CHARADISTICA<br>SOB A DIRECÇÃO DE<br>JOSÉ D'OLIVEIRA COSME<br>**DR. FANTASMA** | 10<br>OUTUBRO<br>1926 |
|---|---|---|

**Apuramento do n.º 7 (2.ª SERIE)**

**COLABORADORES**

## QUADRO DE DISTINÇÃO

***BAGULHO***

N.º 1 . . . 3 votos

N.º 5, de CAMARÃO . . . . . . . . . 2 votos
N.º 2, de REI DO ORCO . . . . . . . . 1 »
N.º 3, de D. SIMPATICO . . . . . . . 1 »

**DECIFRADORES**

## QUADRO DE HONRA

DROPE (da T. E.),

MAMEGO

## QUADRO DE MERITO

LORD DÁ NOZES, VIRIATO SIMÕES, (6), AULEDO, D. SIMPATICO (T. E.), VISCONDE DA RELVA, (5).

**DECIFRAÇÕES**

1—*PODALIRIO*, 2—*motejo*, 3—*arrimo*, 4—giratacechem, 5—*eforrado*, 6—renque, 7—taloucada, 8 alfama, 9—pelotão, 10—páriz.

**PRODUÇÃO MENOS DECIFRADA**

N.º 1 de BAGULHO, com 3 decifradores.

A TODOS OS COLABORADORES

O nosso ilustre confrade e velho amigo, antigo director desta secção, Luiz Ferreira Baptista (*Rei Fera*), escreveu-nos, pedindo que façamos notar, para evitar confusões, que nada ha de comum entre o seu pseudonimo e o de um recente colaborador do *Moinho* que assina *Rei das Feras*. Aqui fi a o aviso e os nossos agradecimentos a *Rei Fera* pela imerecidas palavras de louvor que nos dispensou.

**CHARADAS EM VERSO**

*(Ao D. Galeno)*

1
Não se *aflija*, caro amigo,—2
O *corte* foi um precalço, 2
Pois, quando avistei Lisboa,
Chegava *a pé e descalço*!

Dafundo — D. SIMPATICO (T. E.)

¿ E' certo, então, que a Vida é um misterio
Impenetravel, lugubre e tristonho?
Oh! Eu *não* creio que isso seja a serio,—1
Demais que a Vida é bela como um sonho

Doirado, de caricias tentadoras...
*Não* pode sêr; a Vida não é má;—1
O mais dificil é ganhar as horas,
Gosar o tempo que Ela, a todos, dá!...

De resto, eu tenho, até, um bom remedio
Para os que sentem, pela Vida, tédio:
Se o Amor, o Gôso só lhes dão suspiros,

Se, toda a Natureza, os aborrece,
Se, a Vida, o riso, *não* lhes apetece...
E' bem melhor, então, um ou dois tiros...

Lisboa — JAMENOAL

*(A Alguem...)*

3
No teu olhar doce e brando,
Feito de tanta doçura,
Eu sinto, de quando em quando,
Um sorriso de ventura.

Vivendo, desiludido,
Sómente, em ti, vou pensando,
Revendo o tempo querido,
No teu olhar doce e brando.

E, vejo num breve sonho,
Tua imagem bêla e pura,
Sorrir *com* ar tristonho,—1
«*Feito*» de tanta doçura.—2

E que prazer grato e santo,
Comigo trago, lembrando,
Que, desse olhar, o quebranto,
Eu sinto, de quando, em quando.

E quanta graça, querida,
Em todo o teu ser perdura,
Fazendo cantar a vida
Num sorriso de *Ventura*!...

Lisboa — LORD DÁ NOZES

**ENIGMA EM VERSO**

*(Para ralar o Rei-Vax, não pelo conceito mas pelo que vê...)*

4
A saudade é grande mal
De que gosta toda a gente;
A saudade é, afinal,
Um goso p'ra quem o sente.

O' saudade, olha o que fazes,
Estás calcando o meu peito;
E eu tenho muitas, capazes
De o fazer em pó desfeito.

Tu és, premendo, bem má;
E o mal que tens sabe bem.
Querem-te sempre e quem ha
Que te não queira? Ninguem!

«Dôr-consolo» e «acre-dôce»
Que nos alegra e entristece,
Que *oprimindo* é como fosse
Um balsamo que apetece!

Lisboa — DEUGESMO

**CHARADAS EM FRASE**

*(Ao ilustre Drope)*

5 E' preciso muita *força* para se atirar ao *chão* um homem tão *nutrido*.—2 1

Lisboa — AFRICANO

6 Tragam bastante " *luz* " porque esta *escritura* é uma *discrição minuciosa e exacta*.—2—3

Cascais — ANELE

7 Ainda não *encontrei*, por mais que procurasse, mulher que satisfaça o ideal *que serve de modelo* á minha *fantasia*.—1—1

Lisboa — BAGULHO

*(Retrucando, gratissimo, ao inclito amigo Visconde da Relva)*

8 *Ainda* que os meus miolos criem *bolôr*, o teu gesto gentil permanecer-me-ha *intimamente impresso no animo*.—1—2

Lisboa — BIXO KNHOTO

9 *Agora* é que causa *angustia* o sofrimento do *pregador*.—2—1

Lisboa — CALTAR

10 Num «*logo da Africa*» pesca-se o peixe com um «*pau*».—1—1

Lisboa — D. GALENO (T E.)

11 O *chefe da egreja catolica* tem uns modos tão *ridiculos* que, quando escreve, só consegue fazer *gatafunhos*.—2—2

Lisboa — DOIS PRINCIPIANTES

*(A um confrade que me chama «dorminhoca»)*

12 *Se* sou uma *pessoa estonteada* é porque ninguem me *mata o bicho do ouvido*.—1—2

Lisboa — MAMEGO

13 O *limite* da *ciencia das coisas naturais* estuda-se na *ciencia dos principios*.—2—3

Castelo Branco — MANÉ BEIRÃO

14 Se houver *lucro* eu *belisco* o homem *velhaco*.—3—3

Lisboa — PAUSANIAS

15 O *desgosto* torna um homem *aborrecido*.—2—1

Lisboa — REI DAS FERAS (F. A. F.)

16 O *anel* do «*caixilho*» fere a " *vista* "—1—2

Lisboa — RÉI DOS URSOS (F. A. F.)

17 A *tira de bandeira em que o pintor apoia a mão para dar firmeza aos traços*, estava no meio de *grande quantidade* de trapos na *barraca de campanha*.—2—2

Lisboa — SATURNO

*(Treplica ao notavel charadista Viriato Simões com a devida venia)*

18 O ilustre confrade, como tem o *defeito* de abusar do vinho, já *julga* que os outros tambem se entregam á *bebedeira*? ..—2—1

Lisboa — VISCONDE DA RELVA

# PALAVRAS CRUZADAS
*o passatempo da moda*

*Secção dirigida por DR. FANTASMA*

**Nota importante.**—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r/c. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

**DECIFRAÇÕES DO N.º 89**

HORISONTAIS.—1 clama, 2 urram, 3 rimas, 4 viela 5 imensuraveis 9 abria 7 dadas 8 mocas 9 alisa 10 lomba 11 caçar 12 aleiv 13 acaba 14 consecutivos 15 ritas 16 amena 17 amora 18 ralar

VERTICAIS.—1 criam 19 limbo 20 amerceamento 21 mania 22 assas 23 rival 2 uvada 24 reedificavel 25 alias 26 massa 10 lacra 27 oloim 28 bisar 29 avesa 11 catar 30 acima 31 abona 32 rasar

**PROBLEMA D'HOJE**

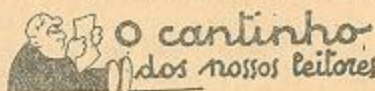
Original do nosso ilustre colaborador José Reis.

HORISONTAIS: 1 inimisade, 2 ditoso, 3 do vento, 4 duas letras de *aba*, 5 possessão portuguêsa, 6 duas consoantes, 7 «parenta», 8 lista, 9 ódio, 10 aurora, 11 comei! (uma refeição), 12 aqui está!, 13 consentimento, 14 especie de cegonha, 15 atende, 16 canta, 17 a favor, 18 alegrar, 19 duas consoantes, 20 cantiga, 21 duas letras de *gato*, 22 parede meia, 23 acção de ministrar um medicamento muito usado, 24 extremidades.

VERTICAIS: 1 sem forças, 25 estudei (inv.), 26 nota musical (pl. inv.), 27 titulo do soberano da Russia, 28 verdadeiro, 29 ofereço, 30 estudei (inv.), 31 fútil (fem.), 2 influencia do fado, 32 apagar, 33 rubôr, 34 siga! (inv.) 9 osso do corpo humano, 35 «preguiças» (animais), 11 desejo sensual nos animais, 12 «interjeição», 36 reso, 14-A papeira, 15 A vigas, 17 parte de embarcação, 37 grito (inv.), 39 duas letras de *ter*, 40 oferece (inv.).

## QUADRO DE HONRA

AULEDO, DOIS TORREJANOS, MENINA XO, NONÓ, PAUSANIAS, SPARTANOS NÓS

# O cantinho dos nossos leitores

## O HOMEM QUE CHEGOU MAIS PERTO DO CEU...

A 23 de Agosto, o aviador francês Callizo elevou-se a 12.442 metros, batendo o «record» de altura, que era de 12.066, e que êle proprio estabelecera. Tripulava um monoplano Blériot-Spad, com motor Lorraine Dietrich 450 H. P. Atingiu essa altura em 85 minutos.

Para subir tão alto, é necessario proceder a certos preparativos tendentes a permitir ao aviador suportar a depressão atmosférica. A partir dos 4 500 metros, Callizo começou a respirar o oxigenio de que ia munido. Em tão grandes altitudes o frio é imenso e, para se proteger, o piloto levava roupa de papel, por cima da qual vestiu a roupa de lã vulgar, o seu fato, um *sweater* de lã e um trajo de aviador, composto de calças e casaco de coiro, com forros de tecido muito espesso.

As mãos eram protegidas por luvas de papel, dois pares de luvas de seda, luvas de lã e luvas de coiro forradas; nos pés, a mesma série de tecidos, em piugas e meias.

O DOMINGO ilustrado

Varia

## XADREZ

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

**PROBLEMA N.º 91**

Por A. Briais

**Pretas (10)**

**Brancas (8)**

As brancas jogam e dão mate em dois lances

**SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS N.os 89 e 90**

| N.º 89 | | N.º 90 | |
|---|---|---|---|
| 1 T. 8 D | R × T | 1 — — | T × C ÷ |
| 2 D. 8 C ÷ | R 2 R | 2 R 2 T | T 6 T ÷ |
| 3 D. 8 B R ÷ | | 3 R × T | T 8 T ÷ |

Resolveram o problema n.º 88 os senhores Nunes Cardoso, A. Pereira da Silva, Vicente Mendonça e Maximo Brião.

Note-se que neste problema (apoz 1—D. 6 B a unica continuação correcta é 2 D. 4 T D porque se 2 T. 5 B —4, R. 5 R e não ha mate possivel ao 3.º lance.

## DAMAS

*Solução do problema n.º 89*

| | Brancas | Pretas |
|---|---|---|
| 1 | 18-23 | 27-18 |
| | 24-27 | 31-24-15 |
| 3 | 8-12 | 15-8 |
| 4 | 12-3-10-21-30-23-14 | 20-11 |
| 5 | 14-3 | 29-25 |
| 6 | 9-14 | 25-22 |
| 7 | 6-9 | |
| | Ganha | |

*Solução do problema n.º 90*

| | Pretas | Brancas |
|---|---|---|
| 1 | 26-23 | 19 26 |
| 2 | 31-22 15 | 24-31 (a) |
| 3 | 7 3 | 31 13 (b) |
| 4 | 3-12 23-5 | 11-18 |
| 5 | 5-23 | |

As pretas fazem mais duas ou tres damas e ganham

(a)

| | | |
|---|---|---|
| | | 11-18 |
| 3 | 30 11-4 (D) | 24-31 (D) |
| 4 | 4-22 | 9-14 |
| 5 | 17-10-1 (D) | 31-17-3 |
| 6 | 25-21 | |

(b)

| | | |
|---|---|---|
| 3 | | 11-18 |
| 4 | 3-12-23-14-5 | 31-13 |
| 5 | 5-1 | 6-9 |
| 6 | 1-5 | |

No final de qualquer destas duas variantes as pretas fazem mais duas damas e ganham pela forçada.

**PROBLEMA N.º 91**

Pretas 3 D e p. 3

Brancas 2 D e 6 p.

Resolveram o problema n.º 88, os srs. Aleixo Cunha (Coimbra), Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiro, Carlos Gomes (Bemfica), José Magno (Algés), Neulame (Figueira da Foz), Pafg (Arcos de Valdevez), Victor dos Santos Fonseca.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo sr. Aleixo Cunha (Coimbra).

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», secção do *jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

# OS GRANDES "AZES" DO BOX

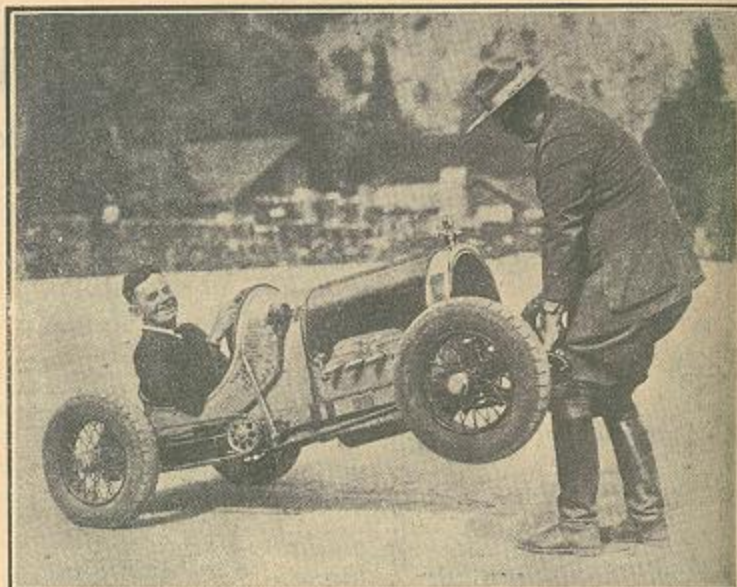
## Astros desaparecidos — Astros no ocaso — Astro no Zenith — Astros que nascem

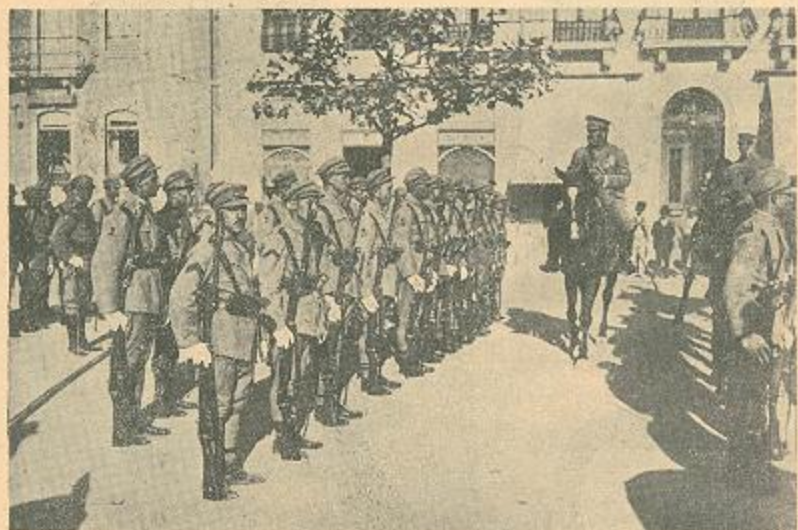
A' esquerda, em pé: Jorge Carpentier, *boxeur* francês, astro de grande mas efémero brilho, que retirou á vida privada, depois duma rápida passagem pelo cinema. Ao centro: em cima Jack Dempsey, o grande vencido do combate de Fidelafia, perante 150.000 pessoas; no meio, Gene Tunney, o actual campeão do mundo, de todas as categorias, sucessor nêsse título de Dempsey, de Jess Willard, da Jack Johnson, de Jim Jeffries; em baixo, Paulino Uzcudun, lenhador vasco, em quem os espanhois sonham vêr um novo campeão do mundo e que é talvez o mais forte *boxeur* europeu. A' esquerda, de baixo para cima: Quintin Romero Rojas, grande campeão chileno; Harry Wills, *a pantera negra*, temivel pugilista; Jack Renault, *challenger* ao titulo de campeão mundial, e Tom Gibbons, que tambem concorre ao mesmo titulo. A' direita, em pé: Gene Tunney, o campeão, em atitude de combate.

# ACTUALIDADES GRAFICAS

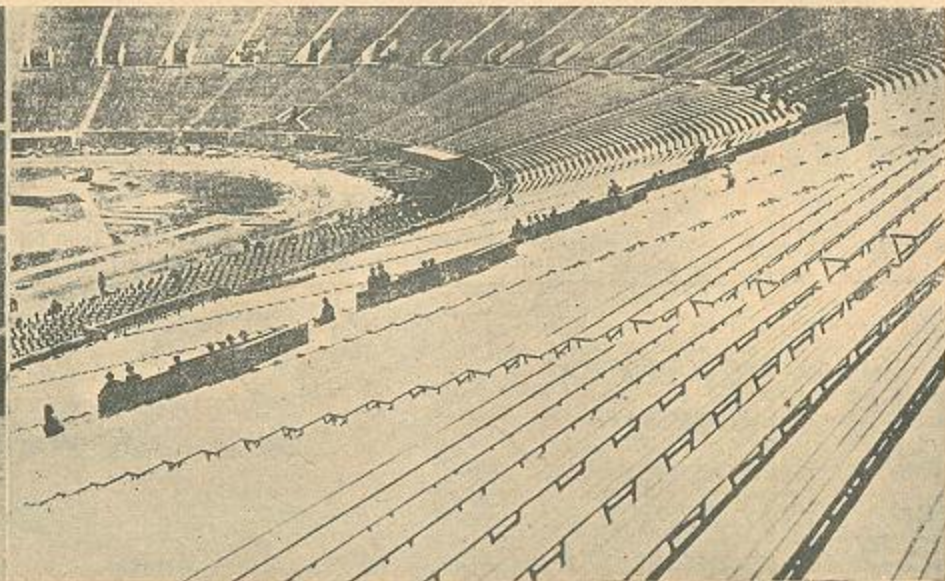
## HOMENAGEM AO GRANDE DRAMATURGO RUY CHIANCA

*Aspecto do almoço oferecido ao director da revista* Portugal. *O «Domingo» fez-se representar pelo seu director, sr. Leitão de Barros.*

## O MAIS PEQUENO AUTOMOVEL SERIO

*E' este, filho duma grande casa construtora. Fez directamente um percurso de 6.000 kilometros. Mesmo em viagem de recreio, não é uma brincadeira...*

## A PARADA MILITAR DO 5 DE OUTUBRO

*O 2.º comandante da região militar de Lisboa passando revista ás tropas*

*As tropas passando em continencia em frente do pavilhão de honra*

## O CAMPEONATO DE MUNDO DE BOX

*1.º Um instantaneo do recente combate de Filadelfia, transmitido pela telegrafia sem fios. Vê-se de frente, e dominando, o novo campeão.—2.º Parte do enorme estadio onde se desenrolou a luta perante 140.000 espectadores. E' um dos maiores do mundo.*

## ABOBORAS GIGANTES

*Nos mais ferteis terrenos da America do Norte criam-se fenomenos desta natureza.*

PUBLICIDADE

# Deite os remedios fóra

PARA TER SAUDE, BEBA SÓ

# Aguas de Castelo de Vide

a melhor agua medicinal de mesa em garrafões de 5 litros

Alivio imediato nas doenças de

## Estomago, Intestinos e Figado

Pode ser tomada com vinho ás refeições como excelente bebida

**Empreza das Aguas Alcalinas Medicinaes de Castelo de Vide**

**RUA DO ALECRIM, 73**

Tel. 4166 C. DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICILIO

PEÇAM

# ESTRELLA

**A melhor**

**das cervejas**

Telefone 1094 N.

Telefone 1094 N.

"LINFATINA" Nobre Sobrinho

BÉBÉS ASSIM só se obtêm dando lhes a «LINFATINA»—Nobre Sobrinho.

DEPOSITO

**Teixeira Lopes & C.ª Ltd.**

**45, Rua de Santa Justa, 1.º**

**LISBOA**

*Grande Ourivesaria Joalharia*

DE

*JOAQUIM NUNES DA CUNHA*

Rua da Palma, 100 a 106 e Rua Martim Moniz, 27

Telefone N. 2924

Grande e variado sortimento de joias em todos os estilos, antigas e modernas com ou sem pedras preciosas e pratas artisticas, que vende barato. Compra por alto preço, brilhantes grandes, esmeraldas, safiras e rubis orientaes e perolas. Moedas antigas em ouro e prata. Cautelas dos Montepios Geral e Comercial, e tudo que seja antigo na Ourivesaria. — CUNHA DAS ANTIGUIDADES.

**Por 7$500**

Pode rir durante duas horas lendo o livro de contos comicos

**O Cego da Boa Vista**

# BARROS & SANTOS

*RUA DO OURO, 234 A 242*

ENORME SORTIDO DE

ARTIGOS DE CAMISARIA

TECIDOS DE ALGODÃO E SEDA

ATOALHADOS, MALAS

E ARTIGOS DE VIAGEM

CHAPELARIA, ETC., ETC.

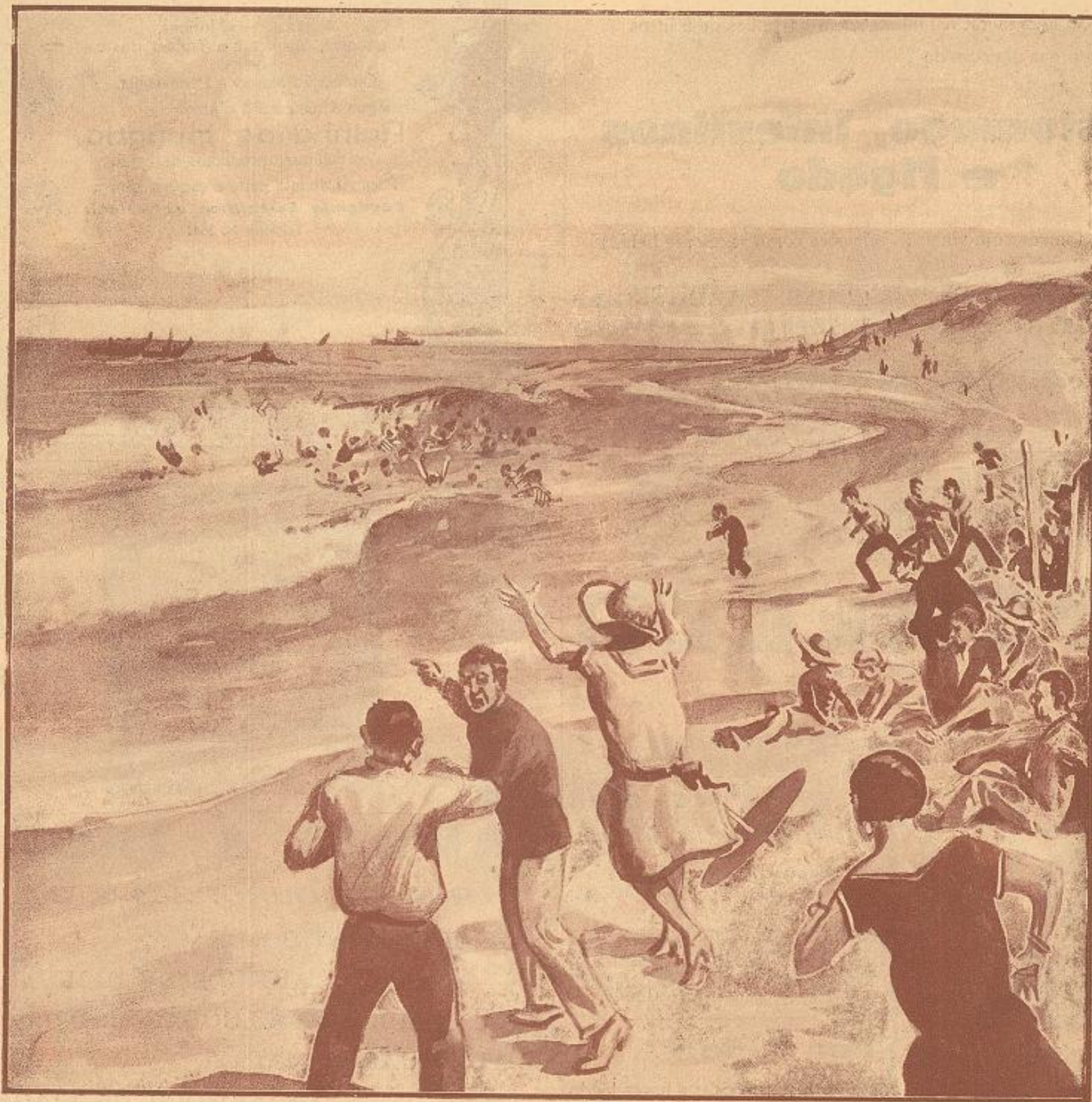
*SALDOS DE FIM DE ESTAÇÃO*

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

# O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO – 48 ESCUDOS –
SEMESTRE – 24 ESC. –
TRIMESTRE – 12 ESC. –

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 – SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 – SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS – TEATROS, SPORTS & AVENTURAS – CONSULTORIOS & UTILIDADES.

## A tragedia da Costa de Caparica

Durante o banho um "agueiro" arrebatou vinte pessoas no meio do pânico dos que da praia presencearam a tragedia. Morreu uma pessoa e foram salvas a custo as restantes.